

MARQUES DE CARVALHO NA HISTÓRIA LITERÁRIA DE JOSÉ VERÍSSIMO

Alan Victor Flor da Silva
Doutorando em Teoria Literária (UFPA)
alan.flor@hotmail.com

RESUMO

João Marques de Carvalho (1866-1910) foi um escritor relegado a um lugar periférico em alguns compêndios de história da literatura brasileira e, de outros, foi totalmente excluído. José Veríssimo (1857-1916) é um exemplo de crítico que não fez nenhuma menção ao nome de Marques de Carvalho em sua história literária. É curioso, no entanto, esse fato, pois os dois eram não apenas contemporâneos, como também conterrâneos. Tomando como ponto de partida os critérios de Veríssimo para selecionar e, conseqüentemente, excluir obras e autores, objetivamos, com este trabalho, portanto, compreender por que Veríssimo não inseriu, na sua obra, o nome de Marques de Carvalho.

PALAVRAS-CHAVE: Marques de Carvalho, José Veríssimo, história da literatura brasileira

RÉSUMÉ

João Marques de Carvalho (1866-1910) a été un écrivain relégué à un lieu périphérique dans quelques manuels d'histoire de la littérature brésilienne et en a été complètement exclu d'autres. José Veríssimo (1857-1916) en est un critique qui ne fait aucune référence au nom de Marques de Carvalho dans sa histoire littéraire. Ce fait est pourtant curieux puisque les deux écrivains ne sont pas seulement contemporains mais aussi concitoyens. En prenant pour point de départ les critères de Veríssimo pour sélectionner et donc exclure des œuvres et des auteurs, notre but dans cette étude est de comprendre pourquoi Veríssimo n'a pas inclus le nom de Marques de Carvalho dans son oeuvre.

MOTS-CLÉS: Marques de Carvalho, José Veríssimo, histoire de la littérature brésilienne.

Obras e não livros, movimentos e manifestações literárias sérias e consequentes, e não modas e rodas literárias, eiva das literaturas contemporâneas, são, a meu ver, o imediato objeto da história da literatura. Um livro pode constituir uma obra, vinte podem não fazê-la. São obras e não livros, escritores e não meros autores que fazem e ilustram uma literatura.
(José Veríssimo)

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Marques de Carvalho foi um escritor relegado a um lugar periférico em alguns compêndios de história da literatura brasileira e, de outros, foi totalmente excluído. José Veríssimo é um exemplo de crítico literário que escreveu uma obra desse gênero e não incluiu o nome do escritor paraense.

A exclusão de Marques de Carvalho do compêndio de história da literatura brasileira de José Veríssimo é muito significativa, pois os dois, além de contemporâneos, eram conterrâneos. Veríssimo, embora tenha nascido em Óbidos, município do estado do Pará, passou grande parte de sua vida em Belém, onde se tornou professor, funcionário público e, principalmente, jornalista, atividade que começou a exercer quando se tornou colaborador do jornal *O Liberal do Pará*, em 1877. Marques de Carvalho, por sua vez, nasceu em Belém, passou alguns anos estudando na Europa, mas retornou à cidade de origem, onde logo começou a desenvolver o magistério, o funcionalismo público e, sobretudo, a atividade jornalística, a que pôde dar início quando se tornou colaborador do jornal *Diário de Belém*, em 1883. Veríssimo e Marques de Carvalho dedicaram-se, portanto, ativamente à imprensa periódica e contribuíram juntos para algumas revistas e jornais que circularam por Belém na segunda metade do século XIX, como *Diário do Gram-Pará*, *A Província do Pará*, *Comércio do Pará* e *A Arena*. Além disso, juntamente a outros escritores paraenses, como Paulino de Brito, José Eustáquio de Azevedo, Juvenal Tavares, Antônio de Carvalho e Múcio Javrot, estiveram também à frente da Mina Literária, uma agremiação literária fundada em Belém em 1894.¹ Por que, então, Veríssimo não incluiu Marques de Carvalho na sua *História da literatura brasileira*?

Para respondermos essa questão, devemos compreender como Veríssimo idealizou sua história literária. Para compor essa obra, o famoso crítico literário brasileiro estabeleceu critérios muito precisos na introdução desse compêndio para norteá-lo na seleção e, conseqüentemente, na exclusão de escritores.

OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E EXCLUSÃO NA HISTÓRIA LITERÁRIA DE JOSÉ VERÍSSIMO

Como ponto de partida, Veríssimo estabeleceu um conceito de literatura que lhe serviu para determinar os gêneros sobre os quais se debruçaria em análise e sobre os quais produziria um juízo crítico. Para Veríssimo (1998, p. 20-21),

Literatura é arte literária. Somente o escrito com o propósito ou a intuição dessa arte, isto é, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem é, a meu ver, literatura. Assim pensando, quiçá erradamente, pois não me presumo de infalível, sistematicamente excluo da história da literatura brasileira quanto a esta luz se não deva considerar literatura. Esta é neste livro sinônimo de boas ou belas letras, conforme a vernácula noção clássica.

Nesse sentido, o escritor paraense opõe-se a um conceito de literatura bastante amplo, muito utilizado há mais de um século, que considera não apenas toda produção escrita num determinado país, desde poemas líricos a textos político-econômicos, como também o que não se escreve, desde cantigas e histórias populares a discursos parlamentares.

Segundo João Alexandre Barbosa (2001), Veríssimo, a partir de um conceito de literatura mais restrito, contrapõe-se a Sílvia Romero que, quando escreveu sua *História da literatura brasileira*, em 1888, utilizou-se desse conceito mais amplo e, por essa razão, incluiu nessa obra escritores que se aventuraram pelos mais diversos gêneros, como cronistas, oradores, poetas, economistas, juristas, publicistas, linguistas, moralistas, biógrafos, historiadores, teólogos, teatrólogos, contistas e romancistas. De modo diferente de Sílvia Romero, portanto, Veríssimo restringe-se a incluir no compêndio de história literária de sua autoria um número mais reduzido de gêneros, como a poesia, o teatro e o romance.

Além de delimitar os gêneros sobre os quais se debruçaria criticamente, o crítico literário paraense elegeu critérios para incluir e, por conseguinte, para excluir autores. Os escritores estrangeiros, por exemplo, entre franceses, portugueses e espanhóis, mesmo escrevendo sobre o Brasil ou sobre qualquer assunto a ele relacionado, não foram selecionados, pois, segundo Veríssimo, não pertencem à literatura brasileira e, por essa razão, seria muito inconveniente deles ocupar-se. Para justificar esse critério, o crítico brasileiro argumenta que a nacionalidade desses escritores não se manifestava apenas pelo lugar de nascimento, mas também, e principalmente, pelo sentimento de pertença ao país de onde provieram. Veríssimo enfatiza ainda que esse apego à pátria não se naturaliza e, portanto, esses escritores, mesmo morando no Brasil, permaneceriam na essência estrangeiros. Assim, o crítico paraense optou por não os incluir na história literária que ele propunha escrever. Do mesmo modo, Veríssimo exclui também os escritores brasileiros que se alhearam completamente do Brasil e que exerceram atividade literária em outro país, como Antônio José da Silva Coutinho (1705-1739) e Alexandre de Gusmão (1695-1753), pois “não teriam sido literariamente o que foram se houvessem ficado no Brasil. Foi, pois, Portugal, a sua pátria literária, como o Brasil foi a pátria literária de Gonzaga” (VERÍSSIMO, 1998, p. 23).

Outro critério proposto por Veríssimo está no domínio da circulação de obras, visto que as histórias literárias, segundo o crítico, não são um cemitério de livros mortos e sem nenhuma importância estético-literária, pois a literatura em si é um sistema vivo de obras que são lidas e que apresentam um valor efetivo e permanente. Veríssimo afirma ainda que tem consciência de que a crítica e a história literária não dispõem do poder de atribuir vida e mérito a autores e obras que não merecem elogios nem distinção e, por essa razão, não pretende escrever uma história da literatura brasileira composta por livros de valor momentâneo e efêmero. Apesar disso, Veríssimo assegura que se ocuparia forçosamente de obras escritas durante o período colonial, embora quase todas apresentem pouco ou nenhum merecimento literário, pois, segundo o crítico brasileiro, o critério estético não é o único que pode ser usado para apreciá-las. Veríssimo, portanto, assevera que, para escrever uma

história literária, a perspectiva histórica seria o mais legítimo parâmetro para avaliá-las, uma vez que, ainda conforme o crítico paraense, essas obras, apesar de possuírem um valor literário medíocre, tiveram alguma importância como iniciadoras, precursoras ou inspiradoras de movimentos estéticos, além de ajudarem a manter uma tradição literária no Brasil. Porém, em relação às obras de pouca ou sem nenhuma representatividade, escritas durante o período de maturidade da literatura nacional, Veríssimo argumenta que, sem correr o risco de cometer impropriedades, não cabe mais incluí-las na sua história literária, que deve ser constituída a partir de autores e obras de expressão, cuja estima deve perdurar através do tempo.

Assim como não admitiu na sua história literária nomes que não sobreviveram às agruras do tempo, Veríssimo não aceitou autores que, embora tenham sido reconhecidos em nível regional, não conseguiram tornar-se nacionais, visto que, segundo o crítico, a história da literatura brasileira constitui-se a partir da atividade literária que sobreviveu na memória coletiva da nação. Nesse sentido, os autores e as obras não podem ficar restritos apenas aos limites de suas províncias, pois devem ainda repercutir nacionalmente.

A partir dos critérios que Veríssimo expôs para selecionar e, conseqüentemente, para excluir autores e obras na introdução da sua *História da literatura brasileira*, podemos afirmar que o famoso crítico paraense foi muito cauteloso ao elaborá-los para evitar que corresse o risco de cometer injustiças, embora afirme que inseriu muitos nomes que podiam muito bem ser omitidos, pois pouco ou quase nada representavam para a literatura brasileira.

JOSÉ VERÍSSIMO, CRÍTICO DE MARQUES DE CARVALHO

Por que, então, Veríssimo não incluiu Marques de Carvalho na sua *História da literatura brasileira*?

Podemos afirmar que não foi pelo critério dos gêneros, pois Marques de Carvalho aventurou-se pela poesia, pelo teatro, pela crônica, pelo romance e pelo

conto. Nem pelo critério da nacionalidade, pois o escritor paraense nasceu no Brasil, precisamente no seio da Amazônia, e dedicou-se a escrever sobre essa região. Por qual, então?

Embora não tenha feito nenhuma menção ao nome do escritor conterrâneo na sua *História da literatura brasileira*, Veríssimo não se furtou de emitir juízo crítico sobre *Hortênci*a, obra de Marques de Carvalho publicada em 1888, no artigo “O romance naturalista no Brasil”². Nesse texto, Veríssimo ressaltou com todas as letras e sem nenhum eufemismo ou cordialidade que não reconheceu essa produção literária como uma obra que merecesse elogios de sua parte.

Não me é possível falar da *Hortênci*a, com a mesma isenção que tive com o Homem e com a Carne. Além de que seu autor parece ter recusado a crítica, como eu já disse e censurei, prendem-me a ele laços de camaradagem literária, que me obrigam a dar-me por suspeito. Direi, entretanto e já, com toda franqueza que devo aos que me têm feito o favor de ler e ao Sr. Marques de Carvalho, que não gosto da *Hortênci*a.

Apesar de revelar um auspicioso talento de escritor, apesar de nos prometer um *conteur* encantador da escola Banville ou Guy de Maupassant, como, aliás, já o deixava perceber na *Alegria gaulesa* e em outros trabalhos, não obstante como arquitetura e intuição artística julgar o seu romance superior à *Carne*, não gosto dele e ligeiramente direi o porquê. (VERÍSSIMO, 1978, p. 192)

Além de esclarecer que seu julgamento não se prende a laços de camaradagem literária, o crítico paraense também não reconheceu *Hortênci*a no mesmo nível de outras obras naturalistas, assim como *O Homem* (1887) e *A Carne* (1888), respectivamente romances de autoria de Aluísio de Azevedo e Júlio Ribeiro, romancistas brasileiros representantes do Naturalismo no Brasil. As restrições de José Veríssimo à produção romanesca de Marques de Carvalho, porém, não se limitaram apenas a esse comentário. O crítico também afirmou que *Hortênci*a é revestida de obscenidades e não passa de uma leitura equivocada do modelo naturalista de Émile Zola, um dos principais representantes do Naturalismo na França do final do século XIX.

O Sr. Marques de Carvalho confundiu na *Hortênci*a o naturalismo com Zola, falseou o seu talento, forçou a nota crua, não recuou diante das mais torpes obscenidades, reviveu a tradição simplesmente pornográfica dos livros cujos nomes nem é decente citar – e o seu livro, no qual uma leitura atenta

reconhece aqui e ali um singular dote de narrador, não passa de uma cópia forçosamente pálida da maneira zolista (VERÍSSIMO, 1978, p. 194-195).

Outro aspecto da crítica de José Veríssimo sobre a obra de Marques de Carvalho põe em evidência a questão da verossimilhança. Segundo o crítico, é inadmissível que a Santa Casa de Misericórdia, hospital fundado em Belém em 1650, tenha admitido como enfermeira uma rapariga mulata, de origem humilde, que apresentava à época apenas quinze anos. Além da heroína do romance, Veríssimo acredita que uma personagem vadia e voluptuosa como Lourenço poderia muito bem chegar ao extremo de assassinar a irmã, se esse episódio tivesse ocorrido em Portugal. Contudo, no estado do Pará, esse mesmo caso não poderia se realizar, pois não condiz, segundo o crítico, com o perfil do povo paraense. É por essa razão que Veríssimo acredita que, enquanto em solo europeu o desfecho do romance de Marques de Carvalho não é apenas semelhante à realidade, como também verdadeiro; na sociedade paraense, torna-se ao menos inverossímil, pois um indivíduo da mesma natureza de Lourenço não seria capaz de pôr fim à vida da própria irmã, ainda mais por causa de uma quantia tão irrisória que Hortêncina pudesse lhe conferir. Prova disso é que, conforme Veríssimo, nunca houve um fato no estado do Pará que fosse idêntico ao que se passa no enredo do romance de Marques de Carvalho. Segundo o próprio Veríssimo,

Seja qual for o juízo que façamos de nossa Santa Casa, podemos crer que nenhuma das suas administrações admitiria como enfermeira, e interna, uma rapariga do povo de 15 anos. Ainda um outro reparo. O desfecho que é, não só verossímil, mas verdadeiro em Portugal, torna-se no Pará ao menos inverossímil. Ali a concorrência vital é intensa e um vadio como Lourenço podia chegar àquele extremo; aqui, além da índole do nosso povo (fator a que o Sr. Marques de Carvalho não deu a devida importância) não o justificar, a facilidade da vida para a gente da casta de Lourenço é tal que, a menos não fosse ele o que os criminalistas italianos chamam um criminoso-nato, não podemos admitir que, pela quantia insignificante que lhe poderia dar Hortêncina, se atrevesse ele a assassiná-la. E a prova do meu acerto é não haver no Pará um único fato idêntico ao que forneceu ao Sr. Marques de Carvalho o fundo do seu livro. (VERÍSSIMO, 1978, p. 201)

Além da verossimilhança, Veríssimo assevera ainda que as personagens do romance *Hortêncina* são humildes, simples e vivem às margens do processo de

desenvolvimento pelo qual a capital paraense estava passando, em razão do capital excedente da economia gomífera. É por esse motivo que o crítico afirma que os indivíduos representados na configuração da obra não podem interessar aos leitores cultos, uma vez que o meio por onde circulam as personagens do romance, como bordéis, botecos, pequenas habitações, barracos, quartos e casas de cortiço, é totalmente alheio ao ambiente no qual convivem as pessoas eruditas, que frequentam salões de festas, casas de diversões, clubes recreativos e o Theatro da Paz.

*A Hortênci*a, passando-se exclusivamente entre gente que não nos pode interessar, em um meio a cuja vida somos estranhos e que nenhuma característica forte distingue e destaca, que não representa uma feição particular da vida brasileira, mesmo tratado com mais individualidade e menos *parti pris* da escola, não é ainda o romance brasileiro tal qual a escola naturalista, mais do que outra qualquer, podia dar-nos. (VERÍSSIMO, 1978, p. 202)

Para encerrar sua apreciação ao romance de seu conterrâneo, Veríssimo afirma ainda que Marques de Carvalho não representou nessa obra o povo e a pátria, pois, assim como ocorreu a outros escritores brasileiros que adotaram a estética naturalista, se prendeu à total imitação das obras de Émile Zola e, por conseguinte, não privilegiou uma particularidade que lhe fosse considerada legitimamente nacional.

Tomando como base o juízo crítico de Veríssimo sobre *Hortênci*a, podemos afirmar que o crítico paraense não inseriu esse romance na sua *História da literatura brasileira*, pois o considerou sem valor estético-literário e, por conseguinte, não se furtou a denunciar as diversas “falhas” presentes na estrutura dessa obra, como a obscenidade na descrição minuciosa das relações sexuais, a escolha inadequada de um caso de incesto como temática da narrativa, a definição simplória das personagens, a ausência de densidade literária e de verossimilhança no enredo e a preocupação exagerada com a estética naturalista.

Além de não avaliar *Hortênci*a como uma boa obra literária, Veríssimo pode não ter feito nenhuma menção ao nome de Marques de Carvalho, pois este ficou restrito aos limites da província do Grão-Pará e não alcançou uma projeção nacional. Sobre essa questão, Lúcia Miguel Pereira (1988) afirma que o Rio de Janeiro era o mais importante núcleo literário e cultural no século XIX e, por essa razão, tinha o poder de

consagrar e difundir obras e autores pelo restante do país. Os escritores de outras regiões que nesse período não se deslocaram para a Corte, portanto, não ganharam representatividade no Brasil. Nesse sentido, embora tenha sido um escritor muito importante em Belém, Marques de Carvalho não conseguiu tornar-se reconhecido em nível nacional e, por conseguinte, esse pode ser mais um critério do qual se valeu Veríssimo para não o inserir no seu compêndio de história literária.

Assim, podemos afirmar que Veríssimo não incluiu Marques de Carvalho na sua *História da literatura brasileira*, pois não se prendeu a laços de camaradagem e tentou ser fiel ao seu juízo crítico. Os critérios que elaborou para selecionar e, conseqüentemente, para excluir autores e obras, por exemplo, demonstram como ele foi um crítico sério, consciente, preocupado com a verdade e desprovido de interesses não apenas pessoais como também alheios e como se esmerou ao máximo para não cometer impropriedades.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, José Eustáquio de. *Antologia Amazônica: poetas paraenses*. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918.

BARBOSA, João Alexandre (Organizador). *José Veríssimo: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

_____. "O cânone na história da literatura brasileira". In: *Organon*, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 30-31, 2001, p. 17-31.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. São Paulo: Letras & Letras, 1998.

_____. "O romance naturalista no Brasil". In: BARBOSA, João Alexandre (Organizador). *José Veríssimo: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

Recebido em 22 de fevereiro de 2015

Aceito em 29 de junho de 2015

Como citar este artigo:

SILVA, Alan Victor Flor da. “Marques de Carvalho na História Literária de José Veríssimo”. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 20, jan.-jun. 2015. p. 162-171. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num20/estudos/palimpsesto20estudos02.pdf>. Acesso em: *dd. mm. aaaa*. ISSN: 1809-3507.

¹ Segundo José Eustáquio de Azevedo (1918), Marques de Carvalho era sócio ativo da Mina Literária, enquanto José Veríssimo, juntamente a Inglês de Sousa, era sócio correspondente no Rio de Janeiro.

² Este artigo foi publicado originalmente, em 1894, na obra **Estudos brasileiros**: segunda série (1889-1893). Por essa obra se tratar de uma raridade bibliográfica, apenas nos foi possível o acesso a esse artigo por meio do livro organizado por João Alexandre Barbosa que reúne diversos textos de autoria de José Veríssimo (ver a referência).